

Incanha Intumbo

incanha@yahoo.com.br

Universidade de Coimbra

Comunicação a ser apresentada no Congresso Afro-Luso-Brasileiro

Coimbra, Setembro 2004

Mini-Biografia

Incanha Intumbo é Licenciado pela Universidade de Coimbra, Portugal, onde estuda contacto linguístico. Nasceu na Guiné-Bissau, onde estudou e ensinou línguas com missionários Portugueses e Italianos. Interessou-se pelos problemas relacionados com o ensino e o tratamento das línguas no seu país multilingue, do seu trabalho como professor de Latim, Português e do Kriol.

Abstract

“Guiné-Bissau: Um “retalho” de línguas e culturas”

**Mestrado em Linguística Descritiva
Grupo de Estudos Anglo-Americanos da
Faculdade de Letras da
Universidade de Coimbra
3004-530 Coimbra, Portugal
e-mail: intumbo@yahoo.com**

A Guiné-Bissau é um pequeno país de cerca de 36.125 km² para uma população de cerca de 1 milhão de duzentos mil hab. É neste espaço que cerca de 30 línguas e dialectos africanos e românicos se cruzam, se inter-influenciam e evoluem. Alguém já apelidou o país de “Babel Negra” e com alguma razão.

Apesar de existirem tantas línguas, apenas o Crioulo se afirma como única e verdadeira língua franca do país. O Português, a língua oficial, do Ensino, da Cultura e da Ciência e do prestígio é usado no dia a dia por cerca de 5% da população.

A questão lógica impõe-se:

Que futuro para o Português na Guiné-Bissau?

A resposta começou a ser dada por Amílcar Cabral, artífice da independência do país, ainda durante a guerra de libertação. Ele dizia, “ de entre todos os bens que os portugueses deixarem no nosso país na altura da independência, certamente a Língua Portuguesa será o mais precioso pois permitir-nos-á comunicarmo-nos com o mundo e com as ciências...*”

Nem mais.

Tendo Cabral a importância que tem no nosso país, estas palavras profetizadas ainda não sabíamos se o sonho da independência se iria realizar, continuam a ser actuais ainda hoje, cerca de trinta anos depois. O Português vem acumulando mais e mais adjectivos. Hoje não é apenas a língua da ciência e da cultura e dos documentos oficiais do país, é também a língua do “prestígio” a par das outras línguas guineenses, a língua da irmandade internacional, a lusofonia.

GUINÉ BISSAU, “UM RETALHO DE LÍNGUAS E CULTURAS”

A. Origem e Multiculturalidade do Panorama Linguístico da Guiné

a. A História, os contactos entre os Povos

O Objectivo desta Comunicação é traçar o panorama linguístico da Guiné Bissau, um pequeno país em termos geográficos, com apenas 36.125 km² que, se subtraídas as partes inundadas permanentemente não tem mais de 28.000 km² que, deduzidos os 3.200 km² que é a parte coberta periodicamente pelas águas das chuvas, não terá mais de 24.800 km² de área habitável (cf. René Pélissier: 2001,31). Em contrapartida, é um gigante em termos linguísticos e culturais (salvaguardando as devidas proporções).

Um observador não atento esperaria encontrar neste espaço uma homogeneidade linguística acentuada. Desengane-se. Na verdade, durante longos anos o actual território da Rep. da Guiné Bissau foi um refúgio de inúmeros povos recalcados por diferentes e sucessivas invasões e ocupações das respectivas terras por Impérios e por Poderosos Conquistadores Africanos (Império do Mali e Sundiata Keita, Samory Touré, os conquistadores Fulas e Koli Tenguela). O “Pequeno” Império de Gabú (cujas Capital Kansalá está a uns quilómetros da actual cidade de Gabú) não resistiu aos conquistadores Fulas vindos do Sul e do Leste (Futa Djalón), pressionando as populações que antes habitavam essas regiões. A História do Reino de Gabú ficou celebrizada numa das músicas do Famoso Grupo Mama Djombo.

As migrações internas por razões económicas (agricultura, pastorícia, pesca e comércio) apenas vieram baralhar as cartas, num jogo já de si complicado.

São ao todo cerca de 30 línguas e dialectos africanos, divididos em dois grupos principais: O grupo Oeste Atlântico e o Grupo Mande das línguas Níger Congo, com algumas diferenças morfo-sintácticas e fonético-fonológicas entre elas.

Por exemplo, enquanto o Balanta, o Pepel, o Manjaco e o Mancanha¹ marcam o plural no início da palavra, o Fula acrescenta o morfema do plural no fim da palavra; em Balanta as velares surda /k/ e sonora /g/ são alofones do mesmo fonema, nas outras línguas são distintivas e mais dados poderiam ser aqui referidos.

A própria geografia do país contribuiu também para a parcelação linguística e étnica do país. Tal como dizia um General Português durante a guerra de 1998, a Guiné é um “pântano”. A própria capital Bissau era uma ilha até 1974/75, quando o canal do Impenal (que ligava o rio Mansoa – João Landim, a foz do Geba – em Cumeré e Bissau) foi fechado, por falta de verbas para a recuperação e manutenção da ponte móvel sobre o mesmo canal nas ligações Bissau-Safim-Insalma-Nhoma-Nhacra, com consequências catastróficas para algumas bolanhas de Nhacra – povoação de Sumo - e de Bissau (NDame Leru, Djogoró e Bissaque) e talvez mais importante, para os cais dos Portos e os Estaleiros Navais de Bissau, o porto de Alto Bandim e os Estaleiros Navais do Ilhéu do Rei, sem contar com as consequências colaterais em todo o percurso do Canal do Geba.

Em média, por cada 50/60 km de estrada, na Guiné Bissau, entramos num território linguístico diferente, quer viajemos para o Norte, quer para o Leste, quer para o Sul, a partir de Bambadinca. Notar-se-á uma diferença entre as províncias Norte e Leste, talvez motivada pelas actividades de sustento praticadas pelos povos que as habitam: as etnias costeiras maioritariamente animistas, dedicam-se mais à agricultura e normalmente constroem as suas habitações juntos às bolanhas (arrozais), as tribos do leste, predominantemente muçulmanas, praticam a pastorícia e o comércio, habitando zonas mais recuadas em relação às bolanhas, geralmente menos densas em termos

¹ A proximidade morfo-sintáctica, fonológica e semântica entre o Pepel, Manjaco e Mancanha leva a que sejam consideradas por muitos estudiosos como tendo uma relação dialectal entre si.

populacionais, e mais desérticas. Assim, se de Bissau para Mansoa via Nhacra (60 km) passamos do Pepel (Bissau), do Balanta (Nhacra) e chegamos ao Mansonca (mansoa), de Gabú a Bafatá temos apenas o Fula numa extensão de mais de 50km.

QUADRO DAS LÍNGUAS DA GUINÉ BISSAU

LÍNGUA	FAMÍLIA	Grupo	Sub-Grupo/ Prov.	Dialectos
Baiote	Níger-Kordofaniano	Níger Congo	Oeste Atlântico Norte	- ²
Balanta	Níger-Kordofaniano	Níger Congo	Oeste Atlântico Norte-Centro-Sul	✓ ³
Banhum	Níger-Kordofaniano	Níger Congo	Oeste Atlântico Norte	✓
Biafada	Níger-Kordofaniano	Níger Congo	Oeste Atlântico Norte	-
Bijagó	Níger-Kordofaniano	Níger Congo	Oeste Atlântico	✓
Crioulo	Base Lex. Port.			
Djakanka	Níger-Kordofaniano	Níger Congo Mande	Noroeste Atlântico Norte Oeste	-
Felupe	Níger-Kordofaniano	Níger Congo	Oeste Atlântico Norte	✓
Fula	Níger-Kordofaniano	Níger Congo	Oeste Atlântico Leste	✓
Kassanga	Níger-Kordofaniano	Níger Congo	Oeste Atlântico Norte Leste	-
Kobiana	Níger-Kordofaniano	Níger Congo	Oeste Atlântico Norte Leste	-
Mancanha	Níger-Kordofaniano	Níger Congo	Oeste Atlântico Norte	✓
Mandinga	Níger-Kordofaniano	Níger Congo Mande	Noroeste Atlântico Norte Oeste	✓
Maninka	Níger-Kordofaniano	Níger Congo Mande	Noroeste Atlântico Norte	-
Manjaco	Níger-Kordofaniano	Níger Congo	Oeste Atlântico Norte Oeste	✓
Mansonca	Níger-Kordofaniano	Níger Congo	Oeste Atlântico Norte Centro	-
Nalu	Níger-Kordofaniano	Níger Congo	Oeste Atlântico Norte	-
Padjadinca	Níger-Kordofaniano	Níger Congo	Oeste Atlântico Norte	-
Pepel	Níger-Kordofaniano	Níger Congo	Oeste Atlântico Norte	✓
Português	Indo-Europeu	Românico	Oeste Itálico Ibero Românico	-
Sarakolé	Níger-Kordofaniano	Níger Congo Mande	Noroeste Atlântico Norte Oeste	✓
Sussu	Níger-Kordofaniano	Níger Congo Mande	Noroeste Atlântico Norte Oeste	-

² Decorrem estudos para se determinar se tem dialectos; não tem dialectos.

³ Tem dialectos

(cf. Ethnologue, 11th Edition: pg 240-5)

A complexidade desta situação linguística é de enlouquecer. Simões Landerset (1935) chega mesmo a apelidar a então Guiné Portuguesa de Babel Negra. Algumas destas línguas têm, imagine-se só, 300 falantes e correm sérios riscos de extinção.

Se tivermos ainda em conta o facto de que a Guiné tem apenas 1.200 000 habitantes (cerca de metade da população da Grande Lisboa) e de que a sua superfície é qualquer coisa como o Alentejo (pouco mais de 3 vezes a superfície de Cabinda) poderemos ter uma ideia dos problemas que o país enfrentaria a nível das línguas e do Language Planning, se não existisse o Kriol.

B. O Kriol e o Português

a. O Kriol

Foi nesse contexto étnico-linguístico que a colonização portuguesa se deu e que surge o Kriol: muitos povos diferentes falando muitas e diferentes línguas, mais o Português. Tudo isso a partir do séc. XV. Deste cruzamento, seria de esperar o resultado lógico imposto pelos contactos linguísticos e pela de pluriculturalidade: o surgimento de uma língua híbrida, com características formais de ambas as línguas em contacto, sendo geralmente a língua do dominador a fonte da maioria do léxico e as línguas de substrato, fonte de algumas estruturas e interferências fonético-fonológicas, resultando tudo em pidjins, língua materna de ninguém (Holm, 2000) depois num crioulo, Kriol no caso, Guineense segundo Scantamburlo (1999).

Com o passar do tempo, nem o Português, nem qualquer uma das dezenas de línguas africanas faladas do território se impôs como uma e a verdadeira língua franca, conhecida, aceite e falada pela maioria da população e susceptível de ser utilizada nas transacções quotidianas.

Hoje, língua materna de cerca de 100.000 guineenses e falada por outros 600.000 mil guineenses multilingues⁴, facto normal na Guiné Bissau, assume-se como a verdadeira língua franca do país, usado no dia a dia, no comércio, nos serviços públicos e mais recentemente, nas escolas, no âmbito de um projecto de Ensino Bilingue dirigido pelo Linguista Luigi Scantamburlo, no Arquipélago dos Bijagós. Contrariamente às Línguas africanas da Guiné, o Kriol tem merecido a atenção de comunidade linguística internacional. Alain Kihm, Jean L. Rougé, Hildo do Couto, L. Scantamburlo, B. Pinto Bull, J. Holm apenas para referir alguns dos estudiosos que têm centrado a sua atenção na problemática do Kriol nos últimos anos.

Na sua Génese desempenharam um papel de relevo os lançados, os grumetes e as tangomãs que dominado uns o Português, outros as línguas africanas, sentiram-se “forçados” a encontrar uma língua intermédia para se comunicarem. Do Pidjin inicial evoluiu-se para o Kriol.

A segunda fase do Kriol começa com a independência do país. A democratização do ensino levou para às escolas pessoas de diferentes origens e comunidades étnico-linguísticas que, doravante, passam a conviver no mesmo espaço e a partilhar a mesma língua.

As migrações internas para as cidades por outro lado transformaram comunidades inteiras, antes fechadas e monolingues, em espaços abertos e multilingues. Um dos casos elucidativos desta situação entre muitos outros, é o bairro de Antula Bono, no Norte de Bissau, onde a maioria das pessoas é, no mínimo, tri-lingue em Kriol, Balanta, Pepel (e Português). A data da independência do país, era um bairro Pepel e a língua do mesmo nome era a língua claramente mais usada, embora também se falasse o Balanta e o Fula. O advento da independência trouxe para esta zona de

⁴ Cf. Ethnologue, Languages of the World, XI Edition

Bissau novos habitantes, na maioria Balantas de Nhacra e Combatentes da Liberdade da Pátria (Colaboradores de uma Cooperativa Agrícola em Padjar), mas também Fulas e outras etnias.

Antula Bono está a meio caminho entre os principais mercados da cidade de Bissau e o Sector de Nhacra, de onde diariamente milhares de pessoas atravessam o Rio Imperial duas vezes em três portos, (N'Dame, Tsaki e Cumeré). Na sua maioria são mulheres transportando mercadorias diversas, sal de cozinha, frutas silvestres e peixes para serem vendidos no Mercado de Sta Luzia e Bandim, principalmente. Pelo caminho vão parando aqui e além, vendendo a “retalho” os seus produtos. Alguns homens Balantas trazem igualmente os suas mercadorias, geralmente animais domésticos, para vender. As interações comerciais e lúdicas levaram a laços de amizade que, por sua vez criaram condições propícias para intimidades resultando em casamentos inter étnicos, sobretudo nas zonas de Tsaki, Padjar, Piana e Paal. Hoje, cerca de 90% dos Pepéis de Antula falam Balanta num nível próximo dos falantes L1 e os Balantas de N'Dame (Bissau), Tchuluf, Kadjn e Cumeré, no mínimo, percebem o Pepel. Nesta zona de Bissau, frequentemente o diálogo segue na língua usada pelo interlocutor que inicia a interação.

Algumas Igrejas usam ou o Balanta ou o Pepel. Nas zonas mais a Norte de Antula Bono, apesar de o Kriol ser língua materna de muitos falantes, o Pepel e o Balanta são usados nos centros informais de comércio, e nos serviços públicos e, como acima foi referido, nas Igrejas Católica e Protestantes.

Do ponto de vista técnico e oficial, alguma atenção tem sido dada ao Kriol:

1981- Proposta da convenção gráfica do Kriol com o lançamento pelo Ministério da Educação Nacional no quadro de uma conferência sobre as línguas da Guiné-Bissau (Doneux e Rougé: 1988,3); Trata-se de um sistema de escrita, com vantagens e com

algumas limitações. Se por lado simplifica a escrita (em relação a convenção ortográfica do Português Europeu adoptada tacitamente por pessoas alfabetizadas nesta convenção) por se basear no princípio da correspondência unívoca um grafema um fonema, por outro lado tinha sérias limitações. O objectivo não era apenas escrever o Kriol, mas também poder vir a servir para escrever e descrever as línguas africanas faladas no país. Ora, no caso do Kriol e como lembrou Scantamburlo (1999,129) em relação a dois fonemas usados no Kriol “moderno”, a fricativa pré-palatal sonora portuguesa /ʒ/ e a africada velar surda /ks̃/, nas palavras

/iɣɾɛʒa/ (igreja)

e

/fiks̃a/ (fixar)

respectivamente, existem apesar de não terem sido contemplados.

A referência à fricativa pré-palatal sonora como sendo “*letras de apoio*” (MEN:1981,155) e ainda por cima grafado com um diacrítico /ʒ̃/ em *jacto*, não me convence, por ser incompatível com a simplificação que se pretende com esta proposta de alfabeto.

Outra inconveniência desta proposta de alfabeto tem a ver com o facto de obrigar os guineenses alfabetizados segundo a convenção do Português europeu a realfabetizarem-se na nova convenção, e abandonar aquela que Dionísio Ferraro chamou ortografia-filo-portuguesa (Ferraro, 1991 citado por Couto).

Em relação às línguas africanas da Guiné, é sabido que grande número delas são tonais e quantitativas. O Balanta por exemplo. Os pronomes pessoais sujeito, a série do

plural, só se distinguem uns dos outros pelo tom (alto, baixo, ascendente, descendente) e/ou pela quantidade vocálica (longa, breve): Assim,

/ba/ /ɨ/

/ba/ /A/

/ba/ /N/

não são a mesma coisa: o tom alto corresponde a 1PL, o ascendente a 2PL e o descendente a 3PL. Como é que se escreveria cada um destes pronomes na convenção proposta pelo MEN?

Por outro lado, temos a questão das oclusivas coarticuladas, os casos em que duas ou três consoantes oclusivas formam um fonema. Que grafema a adoptar ou ficará ao critério de cada um? A proposta da Direcção Geral da Cultura tem outros pontos fracos.

Contudo, estes “senãos” não retiram o mérito ao trabalho.

A tendência nesta fase é de o Kriol ainda se expandir mais, não obstante estar em curso um processo que eu julgo ser a “descriolização”, nos principais centros urbanos da Guiné Bissau, devido a forte pressão do Português, via comunicação social, principalmente a televisão, também devido a emigração para Portugal e do aumento dos números e dos níveis de literacia.

Frases do tipo :

<i>ɨ'</i>	<i>biɨ</i>	<i>ba</i>	<i>bu</i>	<i>kasa</i>	<i>ku</i>	<i>ja</i>	<i>fiɨ</i>	<i>femja</i>
1SG	vir	TMA	tua	casa	com	POS	filho	fêmea

literalmente: *Eu vim a tua casa com a minha filha fêmea* (Estive na tua casa com a minha filha)

começam a ser raras e a serem identificadas com o chamado “*Kriol fundo*” falado pelas pessoas mais velhas. O Kriol naturalmente sem flexão de género dos nomes e de tempo,

modo e aspecto dos verbos, no acrolecto das zonas urbanas está a adquirir características do Português, agora tido como Língua de prestígio.

No acrolecto (geralmente das zonas urbanas ou falado por pessoas com algum grau de escolaridade) a mesma frase seria dita da seguinte maneira:

<i>ŋ'</i>	<i>stevə</i>	<i>(ba)</i>	<i>na</i>	<i>bu</i>	<i>kasa</i>	<i>ku</i>	<i>ja</i>	<i>fi.ʎa.</i>
1SG	estive	TMA	PREP	tua	casa	com	POS	filha
(Estive na tua casa com a minha filha)								

Não me surpreenderia se o mesmo fenómeno se verificasse em qualquer outra parte da Guiné-Bissau.

b. O Português

Amílcar Cabral, artífice da Independência da República da Guiné-Bissau, e no caso, visionário dos problemas linguísticos que o país enfrentaria após a independência cedo alertou os guineenses para esta questão.

Anos antes da Independência da Guiné (e de Cabo Verde), reagindo aos problemas que se punham em relação às línguas a adoptar no sistema do Ensino das Zonas Libertadas e no pós independência e focando alguns aspectos da resistência cultural da luta, Cabral foi taxativo. Primeiro esclarece:

*“Não somos mais filhos da nossa terra se falarmos o crioulo, isso não é verdade”*⁵

Mais a frente, Cabral não deixa dúvidas:

“Temos de ter o sentido real da nossa cultura. O PORTUGUÊS (língua) É UMA DAS MELHORES COISAS QUE OS TUGAS NOS DEIXARAM, PORQUE A LÍNGUA NÃO É MAIS NADA, SENÃO UM INSTRUMENTO PARA OS HOMENS SE RELACIONAREM UNS COM OS

⁵ “Combater o oportunismo na cultura”, Amílcar Cabral, transcrito no Nô Pintcha de 21, 24 e 26 de Fevereiro de 1976.

*OUTROS” ... “UM MEIO PARA FALAR, PARA EXPRESSAR AS REALIDADES DA VIDA E DO MUNDO.”*⁵

(ÊNFASE MINHA)

Trata-se aqui de uma visão para além da sua época.

De facto, depois da independência, não parece ter havido algum momento da história guineense em que se hesitasse em assumir o Português como a língua da Cultura e do Ensino, da Ciência e dos Documentos Oficiais do país. Recentemente, o Ministro da Justiça do actual executivo disse, referindo-se aos documentos das leis regionais da UEMOA/CEDEAO cuja versão em Português estava a ser posta a disposição dos magistrados e agentes judiciários guineenses:

“Agora temos estes documentos na nossa língua (o Português)”, paráfrase minha.

Um assumir inequívoco e público do que todos os guineenses sabem, mas alguns políticos, pontualmente porque os seus interesses estavam em causa, nunca assumiram. Parece ter havido quase sempre e até bem pouco tempo, por parte de quem de direito em Portugal, uma incompreensível timidez no apoio ao desenvolvimento do Ensino do e em Português na Guiné-Bissau, comparado ao empenho do Centro Cultural Francês em relação ao ensino do Francês. Durante muitos anos, o Centro Cultural Português em Bissau funcionou num dos anexos da Embaixada de Portugal em Bissau, apesar de a sua biblioteca ter sido quase sempre a mais procurada em toda a Guiné; As feiras dos livros organizadas pelo centro esgotam sempre a literatura posta à venda; os cursos de Português administrados pelo Centro são sempre muito concorridos quer por estudantes guineenses, quer pelos professores e quer mesmo por quadros superiores guineenses que fizeram a sua formação universitária noutros países que não Portugal. O intercâmbio cultural é quase inexistente, depois de quase 500 anos de intercâmbio e de convivência.

Apenas há uns anos (poucos) se começou a fazer alguns avanços a “passos de caracol”, com a instalação do Instituto Camões em Bissau e um curso de Licenciatura,

que pode servir para os professores de Português guineenses melhorarem os seus conhecimentos. Entretanto, as outras cidades guineenses terão de esperar.

A parte estas considerações é chegada a hora de se debruçasse no estudo da variante do Português, falado na Guiné, em particular. Há trabalhos muito interessantes sobre a variante de Moçambique e há trabalhos a decorrer sobre o de Angola.

O Progresso da Guiné não depende apenas dos números do pib ou de indicadores económicos e outros rendimentos do país, mas também da sua cultura.

Amílcar Cabral:

*“Nós... se queremos levar para a frente o nosso povo durante muito tempo ainda, para escrevermos, para avançarmos na ciência, a nossa língua tem que ser o Português”.*⁵

*“É a única coisa que podemos agradecer aos ‘tugas’, o facto de ele nos ter deixado a sua língua depois de nos ter roubado tanto na nossa terra”.*⁵

As línguas não se mudam por decretos. Cabe ao universo dos falantes decidir as opções por esta ou aquela língua, opções essas sempre enquadradas nas realidades e nas suas necessidades comunicativas.

Ou seja, parafraseando Amílcar Cabral, a língua Portuguesa é o “canivete suíço da Guiné-Bissau”, a ferramenta indispensável para o presente e o futuro do país. Na Guiné, todos têm a consciência disso, incluindo os governantes, mesmo aqueles que andaram quase sempre a “bulha” com governantes e ex-governantes portugueses e com a comunicação social portuguesa. Eles próprios sempre se expressaram em Português nessas “guerrilhas”.

Não obstante o estatuto de língua franca do Kriol e o facto de a sua expansão estar em “crescendo” creio eu, há problemas práticos que sua adopção como única língua oficial do país acarretaria: a questão do alfabeto e das convenções da escrita, bibliografia, e uma necessária realfabetização da população letrada segundo a

convenção do Português europeu, as relações internacionais do país, a ciência e o ensino, para citar apenas os principais.

As vantagens de uma tal opção (uma eventual adopção de Kriol) se diluiriam depressa, no mar das desvantagens.

C. Conclusões

O Kriol e o Português não são incompatíveis.

A ausência de uma política de planificação linguística efectiva (no sentido mais abrangente do termo), de uma reflexão sobre os constrangimentos da questão étnica e dos “ressentimentos” em relação ao colonialismo inibem os sucessivos governos de traçar um modelo eficiente de *de uma política linguística* para o país para o país. Neste contexto, é de saudar e apoiar a iniciativa do projecto liderado pelo Padre Luigi Scantamburlo no Arquipélago dos Bijagós, ele próprio um linguista conceituado e conhecedor do “imbróglio” linguístico guineense: O Projecto do Ensino Bilingue, no Kriol e em Português. É um dos caminhos a seguir, tendo em conta que milhares e milhares de crianças entram para o ensino formal, transitando directamente das suas línguas maternas e do Kriol para o português sem passar por uma única fase de transição. Isto num país onde quase não existe uma rede de sistemas de ensino pré-escolar oficial e as que existem são oficialmente democráticas, mas na prática há limitações impostas pelo factor “capacidade financeira”.

Os modelos do ensino e política linguística seguidos pelo país logo a seguir a independência não resultaram. A democratização do ensino não se fez acompanhar de todo um conjunto de infra e super estruturas e meios humanos, que pelo menos, mantivessem o nível do insucesso escolar baixo. Ganhou-se em quantidade, perdeu-se em qualidade. A formação e preparação dos professores de Português é insuficiente,

por, entre outras justificações, apenas falarem o Português nas salas de aulas, tal como fazem os alunos.

Por outro lado, julgo não haver razões para se suspeitar que a adesão da Guiné Bissau à CEDEAO e à UEMOA, conseqüentemente ao Franco CFA, a livre circulação de pessoas e bens nesse espaço e ainda o facto de sermos um enclave da francofonia, tenha a ver com uma eventual pressão cultural e com um prelúdio de uma eventual adesão ao Francês. Acho descontextualizadas e discutíveis as afirmações de uma ex-responsável do Instituto Internacional da Língua Portuguesa em que dizia que “na Guiné-Bissau e em Cabo Verde o uso do Português está a recuar”. No que se refere à Guiné Bissau, na verdade, há muitas condicionantes a ter em conta e que nos permitem pôr em causa essas afirmações: a adesão ao sistema do ensino formal cresce, quer em relação ao número de ingressos, quer em relação ao dos estabelecimentos, a emigração guineense tem Portugal e Cabo Verde como principais países de destino, países lusófonos, o que favorece o Português; os principais meios de comunicação social guineenses escrevem e emitem cada vez mais em Português. A procura em relação à Língua Portuguesa cresce e o Português é visto não só como uma simples ferramenta, mas como a ferramenta (na concepção de Amílcar Cabral) do país não apenas nas suas relações com o exterior, mas também no plano interno.

O Português hoje na Guiné-Bissau é igualmente uma língua de prestígio, a par com as todas as outras línguas faladas pelos guineenses. Não é apenas uma língua das elites ou aquela que devemos usar na Embaixada de Portugal para termos alguma simpatia no atendimento ou em qualquer fila de um serviço público, para podermos passar a frente dos outros.

Assumo que, assim que todas as condições sejam reunidas, condições técnicas, científicas e materiais, a Guiné pondere e considere a hipótese de duas línguas oficiais: O Português e o Kriol.

O Kriol é a língua da “Guinendadi” (do ser guineense), da unidade nacional e não se pode desprezar uma língua falada por cerca de 50% da população. Não é apenas uma língua nacional. É, de facto, uma língua regional falada por cerca de um milhão de pessoas na Costa Ocidental da África (Guiné, Cabo Verde e Senegal) e é uma das línguas mais faladas em Portugal (3ª, 4ª ???). Daí a razão de os guineenses, cabo-verdianos e senegaleses pensarem em conjunto o Kriol. Daí também a minha discordância dos nomes pomposos como o Guineense. De facto, os três dialectos são variantes da mesma língua, e dentro de cada país, há os falares próprios de cada região. O Português, por razões históricas e por todas as outras razões práticas, remeto outra vez para as observações de Amílcar Cabral a propósito do mesmo assunto, incluindo a fraternidade lusófona, é igualmente uma língua guineense. Melhorar o nível do Português na Guiné Bissau é tarefa de todos, guineenses e portugueses, libertos dos constrangimentos históricos do colonialismo, uma doença contra a qual angolanos, brasileiros, cabo-verdianos, guineenses, moçambicanos, portugueses, são-tomenses e timorenses lutaram e venceram.

Talvez seja neste espírito que o governo guineense acabou de aprovar o protocolo que altera o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa e que será ratificado pelo Parlamento guineense na próxima sessão de Novembro.

SÌMBOLOS

Os símbolos usados para ilustrar alguns exemplos são caracteres do IPA.

REFERÊNCIAS

- Couto, Hildo Honório do, 1994, O Crioulo Português da Guiné Bissau - Hamburg : Buske, 1994;
Ethnologue, Languages of the World, 11th Edition, Barbara F. Grimes, Editor
- Holm, John 2000, An introduction to pidjins and creoles. Cambridge. Cambridge University Press
- Kim, Alain 1994. Kriyol Syntax: The Portuguese-based creole language of Guinea Bissau. Amsterdam,
Philadelphia: John Benjamins
- Papia, Revista de Crioulos de base Ibérica, Vol. 1, Nº 1, 1990, Artigo de Hildo Honório do Couto :
Política e Planejamento linguístico na Guiné-Bissau e Amílcar Cabral, a Questão da
Língua (pgs. 47-61)
- René Pélissier, 2001: Histórias de Portugal, História da Guiné, Portugueses e Africanos na Senegâmbia
1841-1936, Vol I, 2ª Edição 2001, Edições Estampa
- Scantamburlo, 1999: Dicionário do Guineense Vol. I, Introdução e Notas Gramaticais, 1999, Edições
Colibri * FASPEBI
- Simões, Landerset, 1935, Arte e Cultura dos Indígenas da Guiné, Prefácio de Norton de Matos